

O Brasil deve se manter atento à violência extremista

Pesquisa indica que desemprego associado a fatores como baixa confiança nos governos, violência e falta de proteção a crianças facilitam cooptação por parte de grupos radicais

So a Reinach

15 de outubro de 2019

SIGMAPRESS/FOLHAPRESS



Forças Armadas em simulação de ação terrorista com refém, no Metrô de São Paulo: Brasil pode ser um cenário fértil para a adesão de mais pessoas a ideias e grupos extremistas

O Brasil é um dos países que apresenta os indicadores de violência mais alarmantes do mundo. As taxas de homicídio nas cidades brasileiras, apesar de estarem em queda, são altíssimas. Os estupros estão aumentando. A violência policial, além de crescente e desmedida, é justificada e incentivada em discursos oficiais. Apesar desse cenário, existe um tipo de violência que não é tão frequente no país: a violência extremista. Os ataques terroristas e os atos violentos baseados no ódio não são uma marca no cenário brasileiro. No entanto, um estudo sobre violência extrema em países africanos nos leva a crer que essa é uma preocupação que não deveria sair do nosso radar.

O relatório "Journey to Extremism in Africa: drivers, incentives and the tipping point for recruitment" ("Jornada ao extremismo na África: forças, incentivos e ponto de inflexão para o recrutamento"), apresenta os resultados de uma impressionante pesquisa com

pessoas envolvidas em grupos extremistas. A intenção do trabalho é compreender quais são os mecanismos responsáveis pela decisão de indivíduos de fazerem parte dessas organizações.

O projeto entrevistou 718 pessoas, das quais 495 se uniram voluntariamente a organizações extremistas, 78 foram forçadas a aderir e 145 não faziam parte de grupo nenhum, mas foram um grupo de referência para a pesquisa. O estudo ouviu membros de dois dos principais grupos extremistas violentos do continente, Boko Haram e Al-Shabaab, bem como recrutas africanos para o Estado Islâmico.

As entrevistas foram realizadas em Camarões, Quênia, Níger, Nigéria, Somália e Sudão. Do total, 55% dos participantes estavam oficialmente em programas de reintegração, 44% em detenção fora de qualquer programa específico e 4% não estavam detidos e permaneciam em atividade nos grupos extremistas.

Do total de entrevistados, 81% eram do sexo masculino. No entanto, dentro do grupo de pessoas forçadas a servir, 53% eram mulheres e meninas enquanto no grupo de referência e de voluntários, esse percentil era de 25% e 12%, respectivamente. Ou seja, existe uma adesão voluntária maior de homens e adesão forçada maior de mulheres.

Aproximadamente 73% dos entrevistados tinham menos de 30 anos. Dos voluntários, 68% eram solteiros quando se juntaram à organização. Considerando todos os respondentes, 92% eram muçulmanos e 8% cristãos (a representação religiosa varia significativamente de acordo com a organização e o país).

Em uma escala de 1 (infeliz) a 10 (muito feliz), foi solicitado aos voluntários e ao grupo de referência que avaliassem a felicidade de suas infâncias. A média entre os voluntários foi de 5,9 enquanto no grupo de referência foi de 6,7. A ausência dos pais durante a infância também foi mais significativa entre o grupo de voluntários. Esta parte da pesquisa mostra que as experiências na infância se correlacionam significativamente com a suscetibilidade futura ao recrutamento extremista violento. O estudo também demonstrou que as ideologias religiosas são expressas pela maioria (51%) como a principal razão do envolvimento.

A principal diferença entre o grupo de voluntários e o grupo de referência é o número de anos de educação religiosa recebidos, 4,8 e 6,3 em média, respectivamente. É interessante verificar que 57% dos voluntários disseram que compreendem vagamente os livros/escritos religiosos. Essa descoberta aponta para a importância da educação religiosa, ao invés da retórica islamofóbica que cresceu no mundo.

A maioria (42%) do grupo de voluntários estava desempregada antes de se envolver com a organização, e os indivíduos que estavam estudando ou empregados no momento da adesão demoraram mais para decidir se associar. No grupo de voluntários, 42% afirmaram que recebiam pagamento monetário para fazer parte da organização.

Entre os voluntários, 80% ingressou na organização após menos de um ano do primeiro contato. A maioria deles se juntou ao grupo com o sentimento de "esperança/emoção", imaginando que eles seriam "parte de algo maior" que poderia ser "uma oportunidade de mudar de *status quo*".

Finalmente, a relação de confiança com o governo era frágil entre os voluntários. A maioria deles (78%) tem um baixo nível de confiança na polícia, políticos e militares e concordam com a afirmação de que o governo protege apenas os interesses de alguns (83%). Dentre os voluntários, 59% não acreditam que eleições podem promover mudança, em contraste com 30% do grupo de referência que pensa o mesmo. Um fato alarmante aparece na resposta à pergunta "o que especificamente aconteceu que finalmente te motivou a fazer parte dessa organização?". Para 71%, o ponto de inflexão que levou a ingressar na organização foi uma ação governamental, incluindo "assassinato de um membro da família ou amigo" ou "prisão de um familiar ou amigo".

Apesar de no Brasil já existir o crime organizado, que possui alguns paralelos com a realidade descrita acima, o cenário parece fértil para a adesão de mais pessoas a ideias e grupos extremistas. Trata-se de uma população com baixo nível de confiança nos governantes, um estado violento, uma taxa de desemprego alta, sérios problemas na proteção da criança e do adolescente e um crescimento do fanatismo religioso associado a baixa educação religiosa. Ou seja, o tamanho da insatisfação da população somada a promessas de esperança e mudança levam o país a um cenário cada vez mais extremo.

So a Reinach

Mestre em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP)

<https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/template-1-seguranca-no-mundo-nqgfm-9irvt-xeuq5>

